



INTERCÂMBIO

Adequando mensagem e prática ao meio: uma observação das palestras públicas de Monja Coen Rōshi

Fitting message and practice to the environment: an observation of Nun Coen Rōshi's public lectures

Breno Corrêa Magalhães*

Resumo: Desde a chegada do zen-budismo japonês ao Brasil – na década de 1950, pela Sōtōshu –, atingir um público mais amplo era um desafio que transpunha as evidentes barreiras culturais do processo de transplantação religiosa. Monja Coen rōshi, missionária brasileira que retorna ao país em 1996 após conhecer o zen nos Estados Unidos e passar por cerca de 12 anos de formação no Japão, utilizando-se das mídias de comunicação, em especial das redes sociais, transformou esta realidade. Não apenas pela singularidade de sua trajetória biográfica, mas, pela forma original como divulga o dharma, ela “rompeu os muros do templo”, colocando o zen-budismo próximo a vida cotidiana de muitos brasileiros. Partimos de uma breve narrativa biográfica e reconstrução de seu trabalho à frente da comunidade Zendo Brasil para, com base em um trabalho de observação participante, destacar as adequações materiais que ela realiza na mensagem e práticas do zen. Os dados obtidos com a participação em suas palestras públicas, bem como as entrevistas que realizamos com membros da sangha – uma monja e um professor leigo, bem como com uma profissional de comunicação próxima a ela são analisadas de forma a destacar como Coen adequa sua linguagem e, particularmente, a prática do zazen a um público nitidamente não budista.

Palavras-chave: Zen-budismo. Monja Coen. Zazen.

Abstract: Since the arrival of Japanese Zen Buddhism in Brazil in the 1950s through the Sōtōshu tradition, reaching a broader audience has been a challenge that extends beyond the obvious cultural barriers inherent in religious transplantation. Monja Coen Rōshi, a Brazilian missionary who returned to Brazil in 1996 after studying Zen in the United States and completing approximately 12 years of training in Japan, has transformed this reality by leveraging communication media, particularly social media. Her unique biographical trajectory, combined with her innovative approach to disseminating the Dharma, has enabled her to break through the temple walls, bringing Zen Buddhism closer to the everyday lives of many Brazilians. This study begins with a brief biographical narrative and a reconstruction of her work as the leader of the Zendo Brasil community. Drawing on participant observation, we highlight the material adaptations she makes to the message and practices of Zen. Data gathered from attending her public lectures, as well as interviews conducted with members of the sangha – a nun and a lay teacher – and a communications professional closely associated with her, are analyzed to demonstrate how Coen adapts her language and, in particular, the practice of zazen, to a distinctly non-Buddhist audience.

Keywords: Zen Buddhism. Nun Coen. Zazen.

* Contato: magalhaes.breno81@gmail.com – ORCID: 0000-0002-0964-1918. Mestre em Ciências Sociais (UERJ, Rio de Janeiro-RJ).

Introdução

A transplantação do zen-budismo, do Japão ao Brasil, teve início com a migração laboral nipônica. A Sôtōshu¹ estabeleceu seu primeiro templo e missão no país na década de 1950, mas, por muitos anos teve dificuldades em atingir um público mais amplo. Em parte, é compreensível que barreiras culturais, para além das linguísticas, justifiquem o acanhado desenvolvimento que teve até hoje. Ainda que a impermanência de todas as coisas seja uns seus princípios fundamentais, a repetição e o apego a forma sejam, talvez, elementos a serem considerados neste cenário.

Monja Coen *rōshi*, missionária que retorna ao Brasil em 1996 após conhecer o zen nos Estados Unidos e passar por cerca de 12 anos de formação no Japão, alcançou, nos últimos anos, uma popularidade com o uso da internet e das redes sociais que a colocaram como a representante budista de maior reconhecimento público. Não apenas por sua trajetória biográfica singular, mas pela peculiaridade de sua forma de divulgação do *dharmā*, ela rompeu os muros do templo colocando o zen-budismo próximo à vida cotidiana de muitos brasileiros.

O presente artigo decorre de nossa pesquisa de tese, na qual investigamos o processo de transplantação do zen-budismo e a importância do trabalho missionário de Coen *rōshi* na popularização do budismo no Brasil. Realizamos um trabalho etnográfico na comunidade onde tivemos oportunidade de convívio com a monja e membros da *sangha*. Estivemos presentes também em palestras realizadas em São Paulo, quando fizemos o trabalho de observação participante que fundamenta esta pesquisa. Assistimos a uma palestra pública de Coen *rōshi* pela primeira vez em janeiro de 2023 com o propósito de observar características do público tais como gênero, faixa etária e classe social, dentre outras percepções possíveis.

No presente artigo, abordaremos aspectos materiais da linguagem e representação de práticas – em específico, o *zazen* – na construção da imagem partilhada socialmente acerca da tradição do zen-budismo japonês a que pertence monja Coen *rōshi*.

Breve trajetória de monja Coen e sua *sangha*, a comunidade Zendo Brasil

A missão para difusão na América do Sul da Sôtōshu, principal tradição do zen-budismo japonês no Ocidente, está presente no Brasil desde a década de 1950. Os primeiros templos instalados no país objetivavam o atendimento das famílias da colônia nipônica em São Paulo e Paraná (Rocha, 2006).

Ainda nos anos de 1960, a Sôtōshu atraiu a curiosidade de intelectuais no eixo Rio-São Paulo interessados em particular no *zazen*, base da prática zen-budista. A tradução literal do termo seria “sentar zen”, uma palavra que tem origem no termo sânscrito *dhyana* ou *jhana* e significa um estado meditativo profundo. Contudo, *zazen* não é

1 Sôtōshu é a principal das tradições zen budista do Japão. Esta ordem “foi trazida da China para o Japão no século XIII, por Mestre Eihei Dogen [1200-1253], e continuada com grande expansão no século XIV por seu neto sucessor, Mestre Keizan Jōkin. Ambos são considerados os fundadores da ordem e cada um é representado por um templo-sede. Eiheiji e Sojiji” (Coen, 2014, p. 145).

definido como meditação, pois, em língua portuguesa, o verbo meditar é transitivo, ou seja, requer um objeto. Meditamos sobre a vida, sobre um assunto etc. Segundo a tradição do zen-budismo japonês, no *zazen* não há objeto de meditação, e até o sujeito (a noção de individualidade) deve desaparecer (Comunidade, 2022).

Nas décadas seguintes, 1970, 1980 e 1990, embora o zen-budismo tenha contado com o empenho de monges dedicados a difundir as práticas e ensinamentos entre brasileiros não descendentes de japoneses, as *sanghas* da Sôtōshu tiveram um desenvolvimento restrito. O budismo, em todas as tradições e ramificações, é um grupo minoritário no campo religioso brasileiro. No Censo 2010, se declararam como pertencente a esse segmento religiosos 243.966 pessoas, ou seja, cerca de 0,13% do universo populacional nacional.

Apesar disso, é possível afirmar que, no imaginário coletivo, algumas características físicas e atributos de personalidade são facilmente reconhecidos e associados ao budismo. Certamente graças a popularidade de personalidades como o Dalai Lama. Por exemplo, grosso modo, a paciência, o tom de fala tranquilo, o sentimento pacífico e o ar de sabedoria são aspectos materiais, embora não concretos, com o qual compomos a representação de um monge budista. Para não mencionar as cabeças raspadas e as vestes. Estas últimas, em particular, não são sempre as mesmas, variando de acordo com cada tradição budista.

Em tratando-se da tradição zen-budista Sôtōshu, a partir do ano de 1996 novos caminhos seriam trilhados. Naquele ano, retornou ao Brasil monja Coen, após viver por cerca de doze anos no Japão onde completara sua formação monástica que havia iniciado em Los Angeles no ano de 1983, quando foi ordenada por Maezumi *rōshi* (Coen, 2019).

Inicialmente designada para atuar no templo Busshinji no bairro da Liberdade em São Paulo, Coen é a figura central para maior abertura da comunidade para além do grupo de japoneses e seus descendentes. No entanto, em pouco tempo esta postura também encontrou resistências.

Houve um complô, houve mentiras, falsidades de senhores descendentes de japoneses. Senhores de cabelos brancos, aposentados, ricos... eu me tornara um obstáculo para suas façanhas. Eu me opunha a suas decisões, que considerei inadequadas. Muitas pessoas não japonesas frequentavam o templo. Ele crescia e corria o risco de sair do controle desses senhores. Mentiram, difamaram. Que eu me passava por episcopisa (bispa). Foi lamentável. Coincidiu com a menopausa. Sangue derramado (Coen, 2019, p. 157).

Quando deixa o Busshinji, monja Coen levou consigo um pequeno grupo de dezesete discípulos que passaram a se reunir no apartamento de um deles, no bairro da Liberdade, para praticar *zazen* e estudar o livro *Shobogenzō* escrito entre 1231 e 1253 pelo mestre fundador da Sôtōshu, Dogen Zenji (1200 – 1253).

Ali à noite, a gente fazia *zazen* nessa casa. Era um chão frio, sabe? Um piso vermelho.

A gente punha o *zafu*² no chão, em cima do *zabuton*³. Condições bem precárias, bem precárias de espaço de prática, bem simples. O nosso *kinbin*⁴ era no estacionamento do prédio (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

Com esse grupo, monja Coen fundou em 2001 a comunidade zen-budista Zendo Brasil na cidade de São Paulo, instalando-se em um imóvel na Rua Arruda Alvim, próximo ao Hospital das Clínicas. “Alugamos uma casa que mais parecia uma garagem. [...] e lá a nossa comunidade começou a se organizar. Também sentados no chão, em condições bem simples” (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

Por outro lado, desde o princípio, Coen conduziu seu trabalho de modo que o grupo desse passos para além dos limites da comunidade, ajustando as práticas para além dos limites físicos do *zendo* (local de prática). “Era tão pequeno que, para a gente fazer meditação caminhando, nós tínhamos que sair no pátio. E que bonito que foi isso, porque abriu para fazermos caminhada nos parques da cidade, nas praças públicas” (Coen, 2005, informação verbal).

As “Caminhadas no Parque”, nome pelo qual o movimento ficou conhecido, foi uma atividade inovadora que chamou a atenção da sociedade paulistana, chegando ao noticiário da mídia impressa. A cena incomum despertava curiosidade de muitas pessoas e, progressivamente, a adesão de participantes cresceu. “Na primeira vez, vieram 12 pessoas. Na segunda vez, 20. Na terceira, que foi no parque da Água Branca, vieram 50. Perguntei o que as pessoas acharam, e elas responderam que há tempos não lembravam o que é andar, respirar” (Coen, 2001):

A gente fazia, na minha época, mais no [Parque da] Água Branca. [...] Claro que é impactante você ver uma fileira de pessoas caminhando muito vagorosamente no parque, onde as pessoas estão fazendo outras coisas. Acho natural que as pessoas que estão olhando para aquilo se perguntem ou até queiram participar, como foi o caso algumas vezes (Genzō, entrevista pessoal, 2024).

No curso das últimas duas décadas, seja pela capacidade comunicativa de Coen ou pelo interesse natural que o exótico exerce, o fato é que sua *sangha* atingiu um público progressivamente, em especial, após a apropriação das redes sociais como lócus de difusão dos ensinamentos e práticas budistas.

Segundo uma de suas discípulas, monja Heishin (entrevista pessoal, 2024), explicou de antemão: “é bom dizer que monja Coen nunca quis ter essa visibilidade. Não foi uma coisa que ela procurou”. Mas, como parte de sua atividade religiosa ela sempre realizou palestras e aulas. Somado a isso, há sua habilidade natural como oradora.

A roshi foi jornalista, é uma escritora, é uma palestrante. Isso tem muito a ver também com o treinamento no Japão, com as práticas da mestra dela, que também é uma palestrante, é uma escritora. Elas têm esse talento para transmitir o *dharma* [...] de uma forma descomplicada no dia a dia para que a gente entenda (Genzō, entrevista pessoal, 2024).

2 Almofada em formato circular própria para o *zazen*. Os praticantes sentam-se sobre ela apoiando os isquios da bacia no meio do *zafu*, as pernas, cruzadas, se projetam a frente apoiando os joelhos no chão.

3 Almofada, normalmente quadrada, usada no Japão para sentar ao chão. No *zazen*, os praticantes normalmente se sentam sobre o *zafu*, que, não havendo no ambiente de prática tatames, é colocado em cima de um *zabuton*.

4 Meditação caminhando feita para aliviar a fadiga e a sonolência após cada período de meditação sentada.

Mesmo depois de tornar-se monja, sua formação como jornalista seguia pulsante. Coen “escreveu artigos para a Revista da Hora, do jornal Agora, que se transformaram em seus dois primeiros livros: *Viva Zen – Reflexões sobre o Instante e o Caminho e Sempre Zen – Aprender, Ensinar e Ser*” (Comunidade, 2022, p. 121). O primeiro deles, lançado em 2004 pela Publifolha – editora do grupo da Folha de São Paulo, reuniu os textos que foram publicados entre 14 de julho de 2002 e 22 de agosto de 2004.

O intenso trabalho editorial que desenvolve tem uma linguagem simples, o que torna a compreensão de seus ensinamentos acessíveis mesmo para aqueles que não têm qualquer relação com o universo cultural e religioso do budismo.

Coen comunica-se ainda por meio de um programa que, desde abril de 2015, mantém na grade da rádio Vibe Mundial 95,7 FM. O programa “Momento Zen”. Segundo Samira Youssef Chahine (2024), jornalista da Vibe Mundial e amiga de Coen, ela teve a primeira participação como convidada e “a simpatia e o poder de comunicação dela já chamou a atenção. Em seguida, ela recebeu o convite para fazer parte da grade”.

Em sua perspectiva enquanto jornalista, Chahine (entrevista pessoal, 2024) destaca a disponibilidade da monja como um fator peculiar de sua personalidade que fazem dela uma comunicadora tão apreciada. Na dinâmica de trabalho de uma rádio, “se você quer falar de budismo, por exemplo”, que tem um universo vasto de tradições as quais:

Você não conhece e não está [inicialmente] muito preocupado, o jornalista simplesmente liga. [E na comunidade do Zendo, quem nos atende sempre] fala: “Sim, ela dá entrevista. Mande-nos um e-mail e ela vai te atender”. [...] Talvez porque monja Coen sempre foi muito solícita com a imprensa que ela conseguiu ter essa dimensão [de reconhecimento público], das pessoas saberem quem ela é (Chahine, entrevista pessoal, 2024).

Este espaço na mídia tradicional, com “entrevista para Veja, entrevista para a Folha, entrevista para uma revista aqui e acolá, e alguns convites de palestras” (Genzō, entrevista pessoal, 2024) era um movimento regular na *sangha*. Contudo, é em 2018, quando sua neta Rafaela estava para ganhar bebê, que ocorre uma grande mudança de rumo em seu trabalho como figura pública.

Minha neta Rafaela veio pedir apoio para um parto normal em casa – coisas da modernidade. Eu disse que podia contar com a bisa. No quarto em que durmo, com o pé quebrado, em uma cadeira de rodas, participei pouco, mas a encorajava: “Você pode gritar, não precisa ter vergonha”. A parteira Vilma a ajudava. A cabecinha de Mahao vinha e voltava. Fiquei com medo. A responsabilidade era minha. Rezei tudo que sabia. Peguei um livro de sutras budistas, fiz orações com toda intenção. “Vai dar certo”, pensei. E então o bebê nasceu bem e trouxe bênçãos para nós, para o templo (Coen, 2018).

Segundo Coen, Mahao tem, desde o nascimento, uma relação estreita com o budismo, certamente pelo fato que a presença de seus pais residindo no templo no período antes e após o parto tornou-se causa de a monja ganhar as redes sociais, em especial o YouTube.

Então, a neta ficou um tempo lá no templo, no Pacaembu. E o marido, André, mexia no YouTube. Ele tinha todo um trabalho. E a monja Coen dava palestras na sala do térreo. [Na época,] tinha umas 50 pessoas. As palestras da *rōshi* são sempre muito especiais (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

Até que, “um dia ele virou para ela e falou assim: ‘A senhora não pode ficar com isso só aqui. Preciso gravar isso. A gente precisa botar isso para as pessoas ouvirem. Isso é bom demais, é precioso demais. A senhora permite?’” (Genzō, entrevista pessoal, 2024). Assim foi celebrada uma parceria com o canal “Mova”, que durou até o princípio de 2023.

E aí a gente começou a ver que, à medida que os vídeos iam aparecendo e essas pessoas passavam a seguir o Youtube da Mova, as palestras [no templo] começaram a encher mais. Enche, enche, enche, enche... até que chegou um dia que tinha 150 pessoas para entrar aqui [no templo]. [Mas] não dava. [...] Tinha gente lá fora [no quintal] e tinha gente para fora [do portão, na rua] (Genzō, entrevista pessoal, 2024).

Segundo monja Heishin (entrevista pessoal, 2024), “foi uma questão de menos de um mês, e, se antes tínhamos 60 pessoas, passamos a ter 200, 300, 400 pessoas na porta”. Mas havia nitidamente uma falta de estrutura para lidar com tamanho número de pessoas interessadas nas palestras da monja Coen. “Fomos lidando com isso. [Mas] nada foi pensado, [planejado,] não tinha uma estratégia de marketing, branding” (Genzō, entrevista pessoal, 2024).

Os membros da *sangha* tiveram de lidar com a situação e criar soluções possíveis para o atendimento deste público, partindo do princípio de que havia um limite físico de suas instalações. Os ensinamentos de Coen já havia rompido os muros do templo.

“O que nós vamos fazer com tanta gente aí na porta”? Nós não tínhamos nem segurança, nada. [...] Nós não podemos continuar assim. Porque você sabe, vão pessoas com liderança, querem assistir a monja Coen. E trazem segurança armada. [...] Foi quando falamos “Vamos para fora. Vamos para os teatros grandes de São Paulo como o Bradesco”. Assim, começamos a fazer as palestras da *rōshi* nesses lugares e a nos preparar para essa demanda. Porque todos nós não tínhamos esse preparo, fomos pegos de susto (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

As palestras atraíram cada vez mais pessoas e eram realizadas em locais maiores. Como a própria comunidade reconhece, a popularidade que Coen *rōshi* alcançou tem relação direta com a formação deste público. Em verdade, como define Bourdieu (2015, p. 92), o *habitus* de um líder carismático “traz ao nível do discurso ou da conduta exemplar, representações, sentimentos e aspirações que já existiam antes dele embora de modo implícito, semiconsciente ou inconsciente” no grupo social com o qual se relaciona. Dito em outros termos, o ajuste entre a mensagem propagada por Coen e os anseios de seu público é o ingrediente fundamental de seu carisma.

Esta popularidade não está vinculada ao crescimento da comunidade, pois, como define Heishin (entrevista pessoal, 2024):

Coen *rōshi* fala sobre a prática do despertar. Então, as pessoas se encantam. [...] ela fala coisas que fazem sentido para as pessoas e elas se identificam, pois são palavras da nossa verdadeira natureza. É isso que é o importante no budismo [...]. *Rōshi* nunca teve a expectativa de que as pessoas se tornassem budistas, mas a expectativa é que despertem.

Assim, seu público é o de pessoas que buscam acessar a espiritualidade, o autoconhecimento e o bem-estar (físico, emocional e espiritual) sem maior interesse em vinculação religiosa. “As pessoas estão buscando uma espiritualidade para o bem, para

se sentirem bem. Elas vão na palestra de *rōshi* e veem os vídeos no Youtube [com esta finalidade]. Tem gente que fica assistindo direto” (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

O trabalho de difusão pelas mídias sociais ganhou ainda mais importância quando, em 2020, enfrentou-se a pandemia de Covid-19. Com o isolamento social um quadro de doenças psíquicas e emocionais agravou-se; por isto, segundo monja Heishin, as atividades online da *sangha* foram tão importantes.

Porque muitas pessoas entraram em um em um ambiente de suicídio, de depressão, e a nossa presença foi decisiva. Todos nós começamos a fazer *live* – você viu que pipocou uma série de linguagens, *lives*, palestras, etc. – inclusive nós, monges. Parecia que a gente estava socorrendo as pessoas, porque elas não estavam mais se mostrando, estavam vivendo em uma panela de pressão dentro de casa. Todo mundo angustiado. Neste momento, ainda mais, a monja Coen foi importante (Heishin, entrevista pessoal, 2024).

Nesse cenário houve um crescimento ainda maior de visualizações dos vídeos do canal Mova, das palestras e *lives* com a participação de Coen. A seguir, apresentaremos uma perspectiva antropológica acerca da construção social da imagem do zen-budismo por meio de suas palestras públicas.

As palestras públicas: elementos de uma narrativa etnográfica

Assistimos a uma palestra pública de Coen *rōshi* pela primeira vez com o propósito de observar características do público tais como gênero, faixa etária e classe social, dentre outras percepções possíveis. Uma dose de trabalho de campo que, à época, objetivava a aproximação com nosso objeto de pesquisa. Essa possibilidade de observação participante era o caminho para etnografia que desejávamos realizar, método por excelência da antropologia que é uma forma de escapar ao mero levantamento de dados com o qual, como afirmou Bronislaw Malinowski (2018, posição 1016), “é possível apresentar, por assim dizer, um excelente esqueleto da constituição tribal, [no nosso caso, da *sangha*,] mas ao qual faltam carne e sangue”.

O ingresso foi adquirido, como no caso da maior parte das produções culturais hoje em dia, por meio de uma plataforma de comercialização na internet. O teatro Bradesco era para nós um ambiente novo, ainda não frequentado. Tínhamos noção de sua localização pela relativa proximidade com o campus Monte Alegre da PUC-SP, mas desconhecíamos o fato de que estava instalado dentro de um shopping.

Na data do evento, nós nos dirigimos ao local e o primeiro impacto foi justamente a intensa movimentação no acesso ao teatro. Além do público, havia muitas pessoas frequentando a praça de alimentação do centro comercial. Em nada o cenário indicava que em breve participaríamos de uma atividade com certo cunho religioso.

No *hall* de acesso à sala de espetáculo, as pessoas amontoavam-se ávidas em torno de uma banca com venda de livros de Coen *rōshi*. Um *banner* chamou nossa atenção. Este dizia: “Projeto de construção do templo Zendo Brasil em Campos do Jordão. Faça doações: nos ajude a construir o futuro da nossa comunidade”. Abaixo de uma imagem com projeção do futuro templo e uma chave pix para a pronta possibilidade de colaboração financeira de quem desejasse.

Os participantes chegavam em grande número; já instalados em nosso assento, ouvimos a conversa de pessoas próximas que afirmavam: “Nossa, me surpreendeu. Como está cheio!”. Em sua maioria eram mulheres de meia-idade, quase sempre entre amigas. Homens eram poucos, a maioria em companhia de jovens senhoras, suas esposas ou namoradas. Não que não houvesse homens não acompanhados, afinal, nós mesmo éramos um deles.

Algumas pessoas se dirigiam a seus lugares portando lanches como sanduíches, pipocas e bebidas. O cenário típico de uma sessão de cinema ou teatro. No entanto, algo inimaginável, ao menos para nós, em um evento com certo caráter religioso. Antes do início da palestra, o murmurinho era grande. Pequenos grupos tiravam fotos, criando registros rapidamente postados em redes sociais.

Antes da presença de Coen, em certa medida para nosso espanto, que esperava apenas por uma palestra, um dos membros da comunidade Zendo adentrou o palco e explicou a ordem das atividades que seriam desenvolvidas: [1] a cerimônia *Dai Hannya* – Bênção da Grande sabedoria perfeita rogando proteção para o ano-novo com recitação deste sutra, [2] a prática do *zazen* (sentar-se para meditar) e [3] a palestra da monja conforme a temática previamente divulgada do evento.

Com a presença de Coen *rōshi*, essa ordem seria em parte invertida. Assim que subiu ao palco e sentou-se à cadeira vermelha disposta no centro do tablado, ela procedeu explicações sobre o *mudra* cósmico, convidando todos para realizarem um momento de respiração consciente, uma forma adaptada do *zazen*.

Instantaneamente, a plateia se colocou sentada até metade de seus assentos, com as costas eretas e afastadas do encosto, seguindo as instruções de comando que conduziam os presentes a prestar atenção à respiração, ao estado de pensamentos e buscar viver o momento presente.

Com a voz em tom suave, Coen conduziu um processo de relaxamento trazendo ao mesmo tempo pitadas inteligentes sobre a reflexão que propunha conduzir naquela noite: qual o sentido de sua vida, ou, nos termos dos posts de divulgação e título do evento – “Qual a sua pergunta verdadeira”?

Ao término, a inquietação e o burburinho que tomavam a plateia se esvaíram completamente. O profundo silêncio era o sinal que Coen já havia trazido para si a atenção de todos. Foi então que, com um discurso não proselitista, de inclusão e tolerância, explicou que ela e a *sangha* iriam realizar uma cerimônia budista de Ano-Novo, em formato simplificado, rogando que a Grande sabedoria perfeita se expandisse por todo o teatro e para os presentes como prenúncio de um ano pleno de proteção e bênçãos.

Para liturgia do *Dai Hannya*, dez praticantes leigos, membros da *sangha*, com trajas pretos sentados em *seiza* ou *agura*, cada qual sobre um *zabuton*, entoava em uníssono o “Sutra do Coração da Grande Sabedoria Perfeita” (*Maka Hannya Haramita Shingyo*) invocavam “que toda a dualidade, dúvida, seja afastada!”, acompanhados pelas batidas ritmadas de um *taiko*, instrumentos de percussão japonês semelhante a um tímpano ou surdo. A cadência da recitação e dos sons do *taiko* foi crescente e acelerada ao mesmo tempo em que monja Coen *rōshi* revolvía um livro com o mencionado sutra em todas as direções, caminhando pelo palco.

Ela recitava ainda palavras em japonês, que, apesar do nosso conhecimento da língua, não conseguimos compreender. Recordando a dificuldade de comunicação que tivemos, certa vez, com um monge ao visitar um templo budista em Kyoto, supomos ter sido o próprio sutra ou alguma oração ritual budista que, com seu vocabulário específico, se distancia um pouco da linguagem mais simples do cotidiano.

O resolver das páginas do livro tinha uma estética exótica que evocava, a nosso ver, o imaginário do oriente como o outro distante. Como bem identificou Ortiz (2000, p. 19) “é comum identificarmos o Japão [e sua cultura] à noção de ‘outro’, uma civilização longínqua, radicalmente diferente de ‘nós’. [Afinal,] boa parte da literatura disponível fortalece esse sentimento”. Mero artifício de nossa construção identitária.

O formato do sutra de páginas contínuas dobradas em zigue-zague causou-nos, ao ser resolvido repetidamente, a impressão do abrir e fechar de um leque que movimentava o ar, e o vento que produzia, levaria os ensinamentos da “Grande Sabedoria perfeita” por todos os lados, em benefício de todos os seres.

Após o ritual, teve início a palestra, a começar por esclarecimentos sobre a cerimônia. A ausência da palavra Deus e o imaginário do ente supremo criador de todo o universo foi explicada comparativamente ao preceito judaico da impossibilidade de nomear tão sublime existência. Coen, contudo, afirmou que, para o budismo, a Grande sabedoria perfeita seria a manifestação dessa força superior.

Nossa presença no evento não era motivada, naquele momento, pelo interesse de fazer uma análise de conteúdo e tampouco de seu discurso. Contudo, foi inevitável que afluíssem alguns *insights* que proporcionaram reflexões nos dias seguintes. Um dos pontos foram as ponderações sobre Deus que nos pareceram parte de um esforço de interlocução com um público mais amplo, cujo capital cultural e religioso é de base judaico-cristã.

Outro aspecto marcante é a transição contínua entre assuntos de sua narrativa. Para cada tópico que abordava, Coen abriu diversas janelas. Um pensamento não linear, mas extremamente lógico e coerente, que, apesar de percorrer múltiplos caminhos e direções, não perdia a referência inicial, o ponto de partida. O choro de um bebê na plateia, por exemplo, foi motivo de comentários sobre o quanto ela apreciava a presença de crianças naquele ambiente. Muitos talvez pudessem queixar-se do burburinho delas, monja Coen não. Ela falou sobre seus bisnetos, da relação que cultivava com eles e do quanto o nascimento de Mahao está relacionado com a difusão dos preceitos budistas que ela realiza pela internet, como já mencionado.

O cenário de acontecimentos do país esteve igualmente articulado entre suas palavras como evocação a uma tomada de consciência social e política. Por exemplo, foram temas abordados por monja Coen: o evento de 8 de janeiro de 2023 na Esplanada dos Ministérios, com invasão e depredação de prédios públicos, bem como a ausência de responsabilidade diante da vida, por parte da classe política, durante a pandemia. Coen descreveu ainda sua dor diante das imagens de crianças yanomamis, doentes e desnutridas, que viu ao assistir ao noticiário. Seu engajamento diante desses problemas nos lembrou Paulo Freire (2019, p. 83) que definia, em sua condição de pedagogo, que “a educação é um ato político”; do mesmo modo, as palavras e as ações da monja têm algo mais que religioso, são igualmente uma ação política.

Ao final da palestra, o público foi informado de que a monja autografaria livros para aqueles que tivessem interesse. Desse modo, na saída do evento houve, novamente, intenso movimento no estande de vendas de publicações, enquanto rapidamente formou-se uma longa fila de pessoas aguardando o encontro direto com Coen.

Cerca de um ano depois, em 31 de janeiro de 2024, voltamos a participar de uma palestra pública de Coen *rōshi*, desta vez no Teatro Gazeta, localizado na avenida Paulista, coração de São Paulo. Desta vez, não apenas como exercício etnográfico, mas também para abordagem de pessoas solicitando que respondessem a nosso questionário de pesquisa de tese.

Chegamos ao local com antecedência de pouco mais de uma hora e foi necessário aguardar sua abertura. Ainda no saguão, iniciamos a abordagem do público. Levamos impressos com um *QR Code* para acesso ao *survey* digital. A receptividade das pessoas nos surpreendeu. Muitas delas abriam o *link* e participavam imediatamente.

O tema da palestra foi: “Ikigai. Qual a sua inspiração?”. No palco, antes do início do evento, havia cinco alunos de Coen *rōshi* em *zazen* de costas para a plateia. Ao centro do palco uma cadeira, uma mesa de apoio com flores e um copo de água. O cenário minimalista refletia bem o princípio *zen*. Passado certo tempo, os alunos iniciam o *kinhin* e novamente se sentaram em *zazen*. Essa ritualista nos pareceu muito mais uma encenação com a finalidade de criar uma atmosfera do exótico para o público leigo do que propriamente um ritual necessário precedendo o evento que todos aguardavam: a palestra. De fato, se nossa percepção não estiver equivocada, há uma valorização muito maior pelos organizadores em relação ao poder simbólico que esse ato causa sobre as pessoas que aguardam do que a finalidade do *zazen* em si para aqueles que o praticam. Dito em outros termos: com os discípulos praticando *zazen*, há a construção de um cenário cuja finalidade é especialmente causar um impacto positivo no psicológico nos espectadores que esperavam pela palestra.

Para entrada de *rōshi* no palco foi solicitado que todos ficassem de pé e fizessem uma reverência em *gasshō* (mãos em prece). Esse ato, totalmente não usual de receber um palestrante, também nos pareceu outro meio eficaz de criar esta ambiência do “estou entrando em contato com o outro”, ou seja, colocar aquele momento dentre aqueles cujas categorias espaço, tempo e circunstância estão para além do ordinário, do cotidiano. Ficamos a imaginar a estranheza que devem ter causado a alguém que estivesse tendo seu primeiro contato com a *sangha* Zendo Brasil naquele dia.

Assim que adentrou o palco, Coen fez, assim como na palestra do ano anterior, um momento de *zazen*. Simplificando o ritual de sentar-se em *zen*, ela orientou o passo a passo para ajuste do corpo e exercício respiratório. Diferentemente do ano passado, quando não havíamos iniciado a observação participante no Tenzuizenji, pudemos perceber o quanto ela quebra normas para ajustar o *zazen* às variadas circunstâncias em que marca sua presença, dando assim a possibilidade de um público mais amplo tomar parte da prática sem qualquer barreira, seja religiosa ou de argumentos como: “Meditação é difícil”; “não dá para mim. Sou muito acelerado” etc.

A palestra teve o formato usual do discurso de Coen que perpassa vários assuntos, sem que possuam aparentemente uma sequência e correlação lógica preestabelecida, mas que ela, com sabedoria e com base em sua vivência, tece, construindo uma narrativa

coerente com o tema central proposto. Em sua fala são muito poucas as referências diretas a ensinamentos budistas, que, apresentados indiretamente, os tornam mais compreensíveis e, seu público, mais receptivo. Efetivamente, foi uma palestra de caráter não proselitista.

Considerações finais

No âmbito de nossa pesquisa, estivemos presentes em outras palestras de monja Coen, observando as mesmas características que aqui descrevemos. Rompendo a rigidez institucional da ordem zen-budista a que pertence, ela tem aproximado dos ensinamentos e práticas budistas um público mais amplo por meio de um discurso ligado aos desafios da vida cotidiana. Para tanto, as mídias de comunicação, sobretudo as redes sociais, os livros e suas palestras são os instrumentos que Coen utiliza, com destreza e criatividade.

Como bem resumiu um dos professores leigos formado por Coen:

Assistir palestra[s] é mais prazeroso. É melhor do que ficar sentado [em zazen]. [...] é mais fácil do que olhar para você mesmo em frente a uma parede. Mas essa é uma maneira de tocar essas pessoas, fazer com que elas saibam o que é o budismo (Genzō, entrevista pessoal, 2024).

Isto não significa que, por outro lado, Coen deixe de dar atenção ao trabalho institucional ordenando monges, monjas, transmitindo os preceitos à leigos e abrindo locais de prática por todo o País. Contudo, aqueles que cruzam mais livremente estas fronteiras são capazes de observar ajustes que vão além da prática discursiva como é o caso da adequação do *zazen* para os ambientes dos teatros e espaços públicos.

No presente artigo, após apresentarmos uma contextualização da difusão do zen-budismo no Brasil pela Sōtōshu, demos enfoque ao inovador trabalho missionário de Coen *rōshi* que possibilitou que os ensinamentos e práticas desta tradição despertassem o interesse de um público mais amplo que o restrito número de budistas existente no País.

A partir da observação participante descrevemos duas de suas palestras públicas nas quais foi possível notar ajustes realizados no âmbito do discurso e de práticas como o *zazen*, a fim de aproximar a plateia do zen-budismo. Há outras abordagens possíveis para análise do trabalho de Coen *rōshi*, como a indagação de serem essas adequações uma forma de “comodificação” do budismo para atendimento de um mercado consumidor, tal como sugere Usarski (2012, 2019). Esses, contudo, são caminhos que ficam abertos a reflexões e pesquisas ulteriores.

Como a finalidade do trabalho de monja Coen não é o de conversão de sua audiência ao budismo, ela passa por caminhos nos quais ficam borradas, na materialidade do discurso e das práticas, as fronteiras entre o que é religião ou não. Mas, como o propósito é o despertar, diante da impermanência da existência, toda forma material há de ser transitória, inclusive os meios de difusão do *dharmā*.

Referencias

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. In: MICELI, Sergio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2015.

CHAHINE, Samira Youssef. Entrevista pessoal concedida ao autor. São Paulo, 10 abr.2024.

COEN, monja. O que aprendi com o silêncio. São Paulo: Planeta, 2019.

COEN, monja. Provocações – Monja Coen. [Entrevista concedida a] Antônio Abujamra no Programa Provocações da Rede Cultura de televisão. São Paulo, 14 de agosto de 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FSqJUJzzVhQ&t=1s> . Acesso em: 13 de junho de 2022.

COEN, monja. Monja ensina meditação nos parques. [Entrevista concedida a] Bell Kranz. Folha de São Paulo. São Paulo, 28 de junho de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2806200111.htm> . Acesso em 27 de maio de 2023.

COEN, monja. [Sem título]. São Paulo. 29 jun. 2018. Instagram: @monjacoen. Disponível em: <https://www.instagram.com/monjacoen/p/Bkn9giDF7ws/> . Acesso em: 19 fev. 2023.

COEN, monja. A sabedoria da transformação: reflexões e experiências. São Paulo: Planeta, 2014.

COMUNIDADE Zen Budista Zendo Brasil. Zazen: a prática essencial do zen. São Paulo: Comunidade Zen Budista Zendo Brasil, 2022.

FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GENZÔ, André Spinola e Castro. Entrevista pessoal concedida ao autor. São Paulo, 24 mar.2024.

HEISHIN, monja. Entrevista pessoal concedida ao autor. Ibiúna, 14 abr. 2024.

MALINOWSKI, Bronisław. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Ubu, 2018. Versão Kindle.

ORTIZ, Renato. O próximo e o distante: Japão e modernidade – mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROCHA, Cristina. Zen in Brazil: the quest for cosmopolitan modernity. United State of America: University of Hawai'i Press, 2006.

USARSKI, Frank. A mercantilização do Dharma como desafio para a pesquisa sobre o Budismo no Brasil: reflexões sistemáticas. In. VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (orgs.). Religião e consumo: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 165-183.

USARSKI, Frank. The commodification of the Dharma: preliminary reflections on buddhist products on Brazil's religious Market. In: ANDRADE, Solange Ramos de; SIUDA-AMBROZIAK, Renata; STACHOWSKA, Ewa (Eds.). Brazil-Poland: focus on Religion. Maringá, PR: Edições Diálogos – State University of Maringá; Warsaw, Poland: Brazilian Studies Research Group, American Studies Center/University of Warsaw, 2019, p. 29-40.

Recebido em: 19/06/2024.

Aprovado em: 11/07/2024.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.